

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO:

As apprehensões da imprensa sobre os jesuitas, por \* \* \*.—SECÇÃO RELIGIOSA: Carta Encyclica de S. S. o Papa Leão XIII, (continuação); Triunpho dos proscriptos em França, pelo P.º H. Ramière; A Santa Sé e o governo Belga, por J. J. —SECÇÃO SCIENTIFICA: O artigo 7.º perante a razão e o bom senso, ou as contradicções do Snr. Julio Ferry, pelo P.º Felix.—SECÇÃO CRITICA: Um mau livro de Historia, pelo P.º Chrispin Caetano Ferreira Tavares; O Seminario Patriarchal de Santarem, a administração do seu reitor o Rev.º Manuel Xavier Pinto Homem e os seus inimigos, por Elias de Sampaio.—OS NOSSOS CORRESPONDENTES: Movimento catholico em Portugal, carta á redacção, por José dos Santos Monteiro.—SECÇÃO LITTERARIA: Spes unica, poesia, por Manuel Maria Fructuoso; Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo, pelo P. F. Gay, traducção do padre Liina.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por F. do Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE DEZEMBRO DE 1880

### AS APPREHENSÕES DA IMPRENSA SOBRE OS JESUITAS

A celeuma e vozzeria levantada nos arraiaes do liberalismo pelo apparecimento dos jesuitas no nosso paiz produziu o effeito que se desejava. O governo acudiu ao grito e como fraco e timido expediu uma circular aos governadores civis para que indagassem se as apprehensões da imprensa eram motivadas, recordando os decretos do tempo do absolutismo do Marquez do Pomal, e o famoso decreto de 1834 que expulsou os frades dos seus conventos.

Sim, senhores, o perigo é eminente e gravissimo, e a voz da imprensa liberal não engana. E' urgente atalhar ao perigo da liberdade e das instituições, que infallivelmente cahem se os jesuitas lhe metterem o hombro. Elles vem esbulhados pela revolução, não trazem mais que o seu bordão de peregrino e o seu breviario: não trazem da terra d'onde vem nem o pó dos sapatos, por que o evangelho lh'o mandára sacudir na partida, mas ainda assim pouco expoliados, e perseguidos são um colosso formidavel.

E' medida salvadora mandar algum gambetta de cá sahir-lhes ao encontro para lhes dizer—alto lá! Aqui é a terra classica da liberdade e vós sois da Companhia de Jesus, inimiga da liberdade e das luzes. Vossos antepassados d'aqui foram expulsos por um decreto, e nem vós nem corporação alguma religiosa aqui pode penetrar porque o go-

verno está vigilante, e os decretos estão em vigor.

A circular quer dizer isto mesmo: quer dizer que o pensar d'hoje é ainda o do tempo do grande Marquez: que o espirito do grande ministro encarnou nos ministros actuaes; que o despotismo d'aquelle está ainda hoje capeado pela liberdade, e que as instituições politicas não se compadecem com o amor á religião e á Igreja.

Triste documento do nosso progresso.

As apprehensões da seita que ahí está influenciando os governos, e que brada em tantos jornaes seus, movem o governo a tomar precauções contra o infornio de pobres sacerdotes que nos pedem acolhimento. Aos gritos das lojas que por odio a Deus vociferam contra os humildes apóstolos da verdade divina acodem promptos como se de vóras nos ameaçasse algum grande perigo; e ás vozes lacrimosas do povo que pede alivio e suspensão de novos tributos; que reclama economias, e pede pão, já quasi desesperado por tantas contribuições e impostos, a estas vozes, que são dos filhos mais caros e mais attribulados, ficam surdos os governos!

Para desvanecerem apprehensões ridiculas de homens sem pudor e sem temor de Deus acodem pressurosos, e para responder ás supplicas do povo, ás preces dos angustiados e famintos não tom ouvidos nem palavras!

Mas digam-nos onde veem o perigo? d'onde vem o mal de que se temem? Entrou no paiz algum exercito de jesuitas? é ao menos alguma congregação que vem aqui estabelecer-se? Não; são apenas alguns individuos que passam pelo nosso territorio, ou estanceam n'el-

le por algum tempo até que passe o furacão revolucionario: são algumas ovelhas a quem desfizeram o aprisco, e que errantes procuram aqui abrigo e agasalho; são irmãos que procuram os irmãos pela fé e pela religião, pois a igreja é mãe que tem filhos em toda a parte. Não são criminosos nem bandidos, são os filhos da França mais bem-quistos e dignos, são os cidadãos que mais a tem servido e ennobrecido. Se deixaram a patria é porque o despotismo e a tyrannia imperam ali, e não por que a França catholica os expulsasse do seu seio. E' nobre o soffrer perseguições por amor da justiça.

Elles são discipulos d'aquelle que lhes disse — sabci que primeiro fui eu odiado: se fosseis do mundo elle vos amaria, mas porque o não sois a perseguição virá sobre vós.

Que poder ou que forças trazem? Quaes as suas armas? Vem sóis, seguindo cada um o caminho que Deus lhe inspirou ou o anjo da sua guarda. Os seus thesouros são a virtude e a sabedoria, e esses ninguem lh'os roubará. Evangelizam a paz, prégam a caridade e fazem o bem. Não vos convem estes homens? Parecem-vos perigosos? Causam-vos temores? Se sois sinceros dizei a causa dos vossos sustos.

Respondem banalidades e querem que se acceitem como rasões peremptorias. E' porque tentam levantar collegios de educação e apoderar-se da mocidade; eis a grande rasão que apresentam. Mas que demencia e que furor insano! Pois vós dizeis-vos amadores da instrução, proclamaeis-vos apóstolos da civilização, luminares do progresso e reprovaeis a fundação de collegios onde se instrua

a mocidade? Quereis uma eschola em cada parochia e regeitaeis um collegio que vos não custa dinheiro a vós?

Conheceis a pobreza da nação que não pode diffundir o ensino porque o erario está exaustado e o povo acabrunhado e esmaga-lo pelos tributos, e maldizeis e accusaes para serem prohibidos collegios de educação?

Queremos supportar que os jesuitas vem endinheiralos, que trazem muitos contos de reis para comprar quintas e palacios e convertel-os em institutos de educação, como querem os accusadores: que mal resulta d'aqui? Dizei insensatos? Porque nos trazem sciencia, dinheiro, luzes e porque vem trabalhar em nosso proveito havemos de expulsal-os do nosso solo e desprezar esses beneficios?

E o governo accode a desvanecer as apprehensões da imprensa libertina, e cita leis sobre as quaes pesa um opprobrio eterno! O governo vem accommodar a celeuma com uma circular que manda syndicar da entrada e tentativas dos jesuitas!

Se fossem petroleiros ou bandidos que entrassem pelos nossos portos não para nos trazer dinheiro ou produzir beneficios, mas para nos roubar, ou promover revoltas então cobriam-se com a bandeira da liberdade nacional. Se fossem criminosos politicos ou chefes de revolução que fugiram ao castigo da lei aquartelavam-se e hospedavam-se com delicadeza e respeito. Porque são jesuitas, isto é sacerdotes pacificos apostolos de Jesus Christo, que os mandou ensinar e prégar a verdade divina, são suspeitos e vigiados como perigosos!

Parece que nós portuguezes fomos condemnados pela Providencia a trilhar sómente o caminho dos desatinos e das incoherencias.

Quando o simples bom senso diz aos mais rudes que o meio de termos mais instrucção e de vermos diffundido o ensino era derogar as leis ou decretos que restringem a liberdade da associação religiosa, e dar liberdade ao clero para que elle trabalhasse desassombradamente n'este melhoramento social, vacse remexer nas leis obsoletas de tempos ominosos e invoca-se o poder das mesmas para certificar ao paiz que não se querem congregações religiosas.

Quando para fugir á anarchia mais se deffende a fórma monarchica, e se abraçam á dynastia reinante, toleram-se jornaes e comités republicanos. Quando se pedem economias e redução dos encargos e despezas, criam-se mais empregados e contraem-se novos emprestimos e esbanja-se mais dinheiro. Quando se adopta a maxima politica de Cavour a egreja livre no Estado livre é que a Egreja é mais escravizada. Quando mais se reclama a instrucção e

a educação ó que se oppõe á fundação de collegios, e tomem-se dos existentes.

Quando voltaremos á estrada recta do bom senso, e do bom tino governativo?

\* \* \*

## Secção Religiosa

### CARTA ENCYCLICA

DE

SUA SANTIDADE

### O PAPA LEÃO XIII

(Continuado do n.º 1)

Porém isto veio a ser para elle uma fonte de provações. Alguns membros da nova sociedade christã invejosos dos esforçados trabalhos e da virtude de Methodio, accusaram-no, apezar da sua innocencia, perante João VIII, successor de Adriano, de professar uma fé suspeita e de violar a tradição dos antigos, que, na celebração das ceremonias sagradas costumavam empregar a lingua grega ou latina com absoluta exclusão de toda e qualquer outra. E então o Pontífice, no seu zelo pela integridade da fé e da antiga disciplina chama Methodio a Roma e ordena-lhe que se justificasse, refutando as accusações que faziam. Este, sempre prompto a obedecer e escudado no testemunho da sua consciencia, compareceu no anno de 880 diante de João, de muitos Bispos e do clero da cidade: e facilmente triumphou provando que constantemente guardára e cuidadosamente ensinára aos outros a fé de que tinha feito profissão na presença e com a approvação de Adriano, e que confirmára por um juramento prestado sobre o tumulo do Principe dos Apostolos. Quanto ao emprego da lingua slava nas funcções sagradas, provou tambem que procedera legitimamente, por justos motivos, com a permissão do proprio Pontífice Adriano, e sem violencia ao sagrado texto. Por esta defeza, lavou-se de tal maneira de todas as accusações, que para logo o Pontífice, tendo abraçado Methodio, deu-se pressa em ordenar que lhe fossem confirmados o seu poder episcopal e a sua missão entre os slavs. Além d'isto, depois de ter recolhido muitos Bispos, que tivessem o proprio Methodio por superior e o coadjuvassem na administração dos negocios christãos, deu-lhe cartas de recommendação sobre-maneira lisonjeiras e o reenviou com plenos poderes para a Moravia. Posteriormente, o So-

berano Pontífice quiz que tudo isso fosse confirmado por cartas dirigidas a Methodio, quando este teve de soffrer novamente as invejas dos malevolos. Porisso, plenamente fortalecido, unido ao Soberano Pontífice e a toda a Egreja Romana pelos estreitos laços da caridade e da fé, Methodio continuou a desempenhar-se com zelo ainda mais fervoroso da missão que lhe fôra destinada. Porquanto, depois de ter conduzido á fé catholica por si proprio Borzivoy, principe da Bohemia, e em seguida, por intermedio d'um sacerdote, a Ludmilla, mulher d'este principe, conseguiu desde logo que o nome christão se diffundisse ao longo e por toda a parte, n'esta nação. Pelos mesmos tempos, a luz do Evangelho foi, por seus esforços e cuidados introduzida na Polonia; e tendo-a elle proprio levado atravez da Gallicia, fundou a Sé Episcopal de Léopol. D'ahi, segundo referem alguns auctores, tendo entrado na Moscovia propriamente dita estabeleceu o throno pontifical de Kiew. Com estes impereciveis triumphos, regressou para a companhia dos seus, na Moravia; e sentindo-se já proximo do seu fim, designou elle proprio um successor. Depois de ter exhortado á pratica da virtude, por seus altos ensinamentos, o clero e o povo, deixou docemente esta vida, que foi para elle o caminho do Ceu. Do mesmo modo que a cidade de Roma chorára o passamento de Cyrillo, a Moravia pranteou a morte de Methodio, sentiu vivamente a sua perda e honrou por todos os meios os seus funeraes.

A recordação d'estes factos, Veneraveis Irmãos, dá-Nos uma grande alegria; e ó profunda a Nossa commoção quando contemplamos nos longes do passado, em suas bellas origens a excellente união das nações slavas com a Egreja Romana. Porquanto, estes propagadores do Christianismo, de que temos fallado, partiram sem duvida de Constantinopla para levarem a boa nova aos povos pagãos; mas não obstante isto, a sua missão ou lhes foi inteiramente dada por esta Santa Sé Apostolica, centro de unidade catholica, ou, o que era mais simples, foi por Ella regulada e santamente approvada. Na verdade, foi aqui n'esta cidade de Roma, que elles prestaram contas da sua missão e responderam aos seus accusadores; foi aqui, que elles juraram fidelidade á fé catholica sobre os tumulos de Pedro e de Paulo, e que receberam a consagração episcopal conjuntamente com o poder de constituir a gerarchia sagrada, respeitando as distincções. Finalmente, foi aqui que elles alcançaram o uso da lingua slava nos ritos sagrados; e completa-se emfim n'este anno o decimo seculo depois que o Soberano

Pontífice João VIII escrevia a Swentopolek, príncipe de Moravia: «Nós louvamos com justiça as letras slavas... nas quaes resoam os louvores devidos a Deus, e ordenamos que os ensinamentos e as obras do Christo Senhor Nosso, sejam referidas n'esta mesma lingua. Nada existe n'ella que offenda a pureza da fé ou da doutrina n'aquillo em que, na mesma lingua slava, se cantam as missas, se lê o Santo Evangelho e as lições sagradas do Novo e Antigo Testamento bem traduzidas e bem explicadas, ou se psalmodiam todos os outros officios das horas canonicas.» Este costume, depois de muitas vicissitudes, confirmou-o Bento XIV pelas Lettras Apostolicas dadas no anno de 1754, a 25 d'agosto. Os Romanos Pontífices, todas as vezes que lhes foi pedido o seu concurso por aquelles que dirigiram os povos convertidos ao Catholicismo pelos trabalhos de Cyrillo e Methodio, jámais deixaram de mostrar-se benignos prestando-lhes a sua protecção e valimento, benevolos nas instrucções, doces nos conselhos dados e cheios de condescendencia em todas as coisas em que podiam usal-a. Entre todos esses Wratisslau, Swentopolek, Cöcel, Santa Ludmilla, Bogoris experimentaram, segundo os tempos e as circumstancias, a insigne caridade dos Nossos predecessores.

A morte de Cyrillo e de Methodio não suspendeu nem enfraqueceu a sollicitude paternal dos Pontífices Romanos, para com os povos slavos; mas patientou-se sempre com energia para proteger entre elles a santidade da religião e conservar a prosperidade publica. Com effeito, Nicolau I enviou de Roma aos bulgaros sacerdotes para instruirem o povo e bem assim os Bispos de Populonia e de Porto para organisarem a nova sociedade christã; e este mesmo Pontífice deu muito affectuosamente, a proposito das frequentes controversias travadas entre os bulgaros sobre o direito sagrado, respostas nas quaes aquelles mesmos que são menos affectos á Egreja Romana, reconhecem e louvam a mais alta sabedoria. E depois da lamentavel calamidade do schisma, é gloria de Innocencio III ter conciliado os bulgaros com a Egreja Catholica, bem como o é de Gregorio IX, de Innocencio IV, de Nicolau IV e de Eugenio IV, tel-os mantido na reconciliação. Da mesma sorte, a caridade dos nossos predecessores assignalou-se de uma maneira brilhante com respeito aos povos da Bosnia e da Herzegovina, ferido pelo contagio das más doutrinas, a caridade sim, dizemos Nós, de Innocencio III e de Innocencio IV, que se esforçaram em extirpar o erro dos espiritos; de Gregorio IX, de Clemente VI e de Pio II, que trabalharam em fir-

mar solidamente n'estes paizes a gerarchia do poder sagrado. Nem devemos considerar como de menor ou de derradeira importancia a sollicitude que Innocencio III, Nicolau IV, Bento XI e Clemente V consagraram aos povos da Servia; por quanto elles affastaram com profundissima sabedoria as tramas astuciosamente urdidas para arruinar a religião n'este paiz. Os dalinatas bem como os liburnianos, obtiveram de João X, de Gregorio VII, de Gregorio IX e de Urbano IV, pela constancia da fé e em troca de bons serviços, o favor especial d'estes Pontífices e grandes louvores. Finalmente, na Egreja do Sirmium, destruida no VI seculo pelas incursões dos barbaros e posteriormente reedificada pelo piedoso zelo de Santo Estevão I, rei da Hungria, encontram-se numerosos monumentos da benevolencia de Gregorio IX e de Clemente XIV.

Por estas razões, Nós entendemos que Nos cumpre dar graças a Deus por Nos haver dado uma occasião propicia de conceder um favor á nação dos slavos e de contribuir para o seu bem commum, com um zelo não certamente menor que o reconhecido em todos os tempos nos Nossos predecessores. O que Nós temos em vista, o que unicamente desejamos envidar todos os Nossos esforços para que as nações slavas sejam providas de mais consideravel numero de Bispos e de sacerdotes; para que ellas se mantenham firmes na profissão da verdadeira fé e na obediencia á verdadeira Egreja de Jesus Christo, e comprehendam cada vez mais a multidão de bens que derivam das instituições da Egreja Catholica sobre o lar domestico e sobre todas as classes do paiz. Em verdade, aquellas Egrejas reclamam de Nós a mais larga porção das Nossas sollicitudes; nem ha nada que mais ardentemente desejemos do que podermos attender aos seus interesses e prosperidade, e vincular-as todas a Nós pelos perpetuos laços da concordia, que é o mais poderoso e melhor laço de salvacão. Resta conseguir que o *Deus rico em misericordia* seja propicio aos Nossos intentos e secunde a Nossa empresa. Entretanto, Nós nomeamos para intercessores junto d'Elle a Cyrillo e Methodio, Doutores dos slavos, cujo culto Nós queremos amplificar e com cujo celeste patrocínio firmemente contamos.

Por consequente decretamos que no dia quinto do mez de julho fixado por Pio IX, de boa memoria, seja inserido no calendario da Egreja Romana e universal e seja, cada anno, celebrada a festa dos Santos Cyrillo e Methodio com o officio do rito duplex menor e a missa propria que a Sagrada Congregação dos Ritos approvou.

A todos vós, portanto, Veneraveis Irmãos, vos encarregamos de velardes

pela publicação da nossa presente Carta, e de ordenardes a todos os membros da ordem sacerdotal que celebram o officio divino segundo o rito da Egreja Romana e bem assim de observardes todas as prescripções que ella encerra, cada um nas suas Egrejas, provincias, cidades, dioceses e casas regulares. Finalmente, queremos que, ajudando-Nos os vossos conselhos e exhortações, Cyrillo e Methodio sejam por toda a parte invocados e implorados, afim de que usem do favor de que gosam junto a Deus para proteger em todo o Oriente os interesses christãos, implorando a constancia para os catholicos, e para os dissidentes a vontade de se reconciliarem com a verdadeira Egreja.

Nós decretamos que fiquem ractificadas e estabelecidas todas estas coisas, como acima estão escriptas, não obstante as Constituições do Papa S. Pio V nosso predecessor, e as outras Constituições Apostolicas publicadas sobre a reforma do Breviario e do Missal Romano, os regulamentos, e costumes, mesmo de tempo immemorial, e todas as demais coisas em contrario, quaesquer que sejam.

Como presagio dos dons celestes o penhor da nossa particular benevolencia, Nós vos concedemos mui affectuosamente no Senhor a Benção Apostolica a todos vós, Veneraveis Irmãos, a todo o clero e ao povo confiado a cada um de vós.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, a 30 de setembro de 1880, terceiro anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

E' do revd.<sup>mo</sup> padre Ramière, da Companhia de Jesus, bem conhecido dos leitores do *Liberalismo Desmascarado*, o seguinte bello artigo, que traduzimos do *Messenger du Coeur de Jesus*,—artigo para o qual chamamos a attenção de todos,—amigos e inimigos das ordens religiosas.

## TRIUMPHO DOS PROSCRIPTOS EM FRANÇA

Foi com effeito um verdadeiro triumpho e um triumpho glorioso o que se proporcionou no dia 30 de junho aos Religiosos perseguidos pelo nome de Jesus em varias cidades de França. Seus inimigos encarregaram-se de os glorificar e tornar conhecidos; nem melhor podiam levar a cabo a apothose official, do que empregando, como fizeram, a violencia e as affrontas. Desde

que a Companhia de Jesus foi admitida em França, nunca tinha sido, em um só dia, objecto de homenagens e sympathias tão unanimes, tão espontaneas e entusiasticas como as que lhe prodigalisaram na manhã do dia 30 de junho. É impossivel fazer-se uma idéa exacta d'este espectáculo quando a elle se não tenha assistido.

Os Jesuitas sabiam que podiam contar com amigos dedicados em todas as classes da sociedade; porém só no dia da prova é que puderam medir o ardor d'esta amizade e o extremo d'esta dedicação. Bem longe de excitar o zelo, como falsamente se lhes imputou, tiveram de o moderar. Se o tivessem consentido, as suas egrejas ficariam cheias de povo, durante a noite que precedeu a execução da injustiça, e teria sido bastante difficil á policia o fazel-as evacuar. De resto, ainda que tudo fizessem para evitar qualquer apparencia de tumulto, não puderam impedir que as suas casas não fossem cercadas n'aquella noite nefasta por homens e mulheres de todas as classes. Prevendo que já não lhes seria permitido assistir ao Santo Sacrificio da Missa nas Egrejas dos Religiosos, queriam estes bons christãos ao menos tomar parte na immolação dos mesmos religiosos, que iam ser victimas; e preparavam-se com uma noite de vigilia e de orações, como era de costume na Igreja primitiva disporem-se os antigos heis para o santo sacrificio.

Em Tolosa, viu-se, um nobilissimo mancebo durante aquella noite rezando com as suas contas na mão diante da Igreja de Jesus; e ainda que muito instado não lograram fazel-o interromper a sua oração.

No mesmo acto da execução, viram-se em todos os semblantes signaes de veneração e sympathia manifestados por diversas formas que bem indicavam, na sua variedade, a mais perfeita e espontanea dedicação. Por toda a parte a multidão lançava-se de joelhos a pedir a benção d'aquelles que os commissarios do governo arrastavam como criminosos. Viu-se em algumas partes, as mães romperem por meio dos empregados da policia e supplicar áquelles confessores da fé lhes abençoassem os filhinhos: por toda a parte se chegavam a beijar-lhes as mãos; por toda a parte resoava o grito de *vivam os Jesuitas! Viva a liberdade!*

Em Vals as meninas da cidade vestiram-se de branco para acompanhar os padres, como é de costume acompanhar o Santissimo Sacramento no dia de Corpo de Deos. Lançaram flores na sua passagem. Com semilhante triumpho a numerosa communitade de Vals foi escortada por um povo immenso pelo espaço de tres kilometros que separam o

Santuário do *Coração de Jesus Supplicante* da Basilica do Monte Aniz.

A emoção foi em toda a parte tão viva que causou espanto aos mesmos instrumentos da iniquidade, e aos inimigos que tinham vindo para applaudir a violencia. Em parte nenhuma a malvadez ousou manifestar-se com o menor insulto, e quasi em toda a parte os agentes da policia mostraram a repugnancia e os remorsos com que cumpriam tão triste tarefa. Tremiam de tal modo quando iam a pôr as mãos nos jovens novicos de Tolosa que o seu chefe teve que animal-os, bradando: «Vamos, não vos deixeis intimidar!» Não eram já os accusados que procuravam subtrahir-se á força armada, mas os agentes da força que supplicavam aos venerados proscriptos para os dispensarem de usar de violencia, á qual só tinham declarado querer ceder. Vimol-os derramar lagrimas executando o seu brutal mandato; e na verdade eram mais dignos de compaixão que as suas victimas: soffrer a violencia material afim de guardar a independencia moral, é usar gloriosamente da sua liberdade: deixar-se pelo contrario escravizar por interesse ou por medo, praticando actos que a consciencia reprova, é a mais vergonhosa de todas as escravidões.

Não se hão-de pois considerar os perseguidos sómente debaixo do ponto de vista da futura recompensa, seguindo a maxima do Evangelho, de se regosijar e trasbordar d'alegria. Pela geral approvação de todos, receberam na hora mesmo da perseguição, uma homenagem superabundante, e a sua situação é hoje em dia em França incomparavelmente melhor que era d'antes de começarem as hostilidades. Redobrou a dedicação dos amigos; grande numero de indifferentes se tornaram amigos; nem fallaram antigos inimigos cujas preocupações se dissiparam e que levados á equidade pelos excessos da injustiça, começaram a estimar e amar aquelles que tinham odiado, porque não os conheciam.

Mas sobretudo os Religiosos se devem felicitar pelo resultado da perseguição, isto é, pelos interesses da sua santa causa; julgamo-nos felizes em podermos testemunhar estes resultados para consolação d'aquelles a quem nós reconhecemos devedores pelo seu concurso. Longe de nos queixarmos porque Deus se mostrou surdo ás orações feitas por toda a parte com tanto fervor para afastar o calix, devemos reconhecer que estas orações foram abundantemente ouvidas. Deus sem duvida podia livrar-nos dos actos de violencia com que fomos expulsos de nossas casas; mas concedeu-nos mais do que isto: d'estes mesmos actos fez Deus um remedio para o duplo mal de que está soffrendo a Fran-

ça, o do qual é certo symptoma a perseguição dos Religiosos.

O perigo da França, e que dá á minoria impia e revolucionaria uma tão funesta preponderancia sobre a maioria, honesta e christã, está por um lado na fraqueza e divisão dos bons, e pelo outro, na hypocrisia e machiavelismo dos maus. Seriamos salvos no dia em que os que querem o bem soubessem unir-se de *commun accord* para querel-o energeticamente, e os que querem o mal já não podessem fazer acreditar que querem o bem. Ora, os acontecimentos do dia 30 de junho tem sido, nos fins da Providencia, um remedio efficaz para este duplo mal. Os golpes de machado que arrombaram as portas dos religiosos bem accordaram os adormecidos. Entenderam todos que este primeiro passo dado no caminho da perseguição não podia deixar de levar a outras violencias; que ninguem podia viver seguro na sua casa, quando se deixava que a Revolução lançasse fóra d'ella cidadãos francezes, culpados unicamente do crime de não lhes agradarem; quando já não se trata de opiniões politicas ou de fórnica de governo, mas liberdades mais preciosas e dos direitos mais essenciaes do homem e do christão, pisados aos pés nas pessoas dos Religiosos. Eis a razão porque se viram em volta dos servos de Jesus Christo todos os homens que não querem de modo algum sacrificar estes direitos e estas liberdades ao idolo revolucionario.

Este primeiro resultado da perseguição é infinitamente precioso, e nos offerece uma garantia certa do nosso definitivo triumpho. Quando contemplamos na Inglaterra e na America os catholicos, ainda que em minoria, que sabem defender seus direitos e respeitar suas liberdades, não podemos duvidar que a oppressão da qual somos victima na França não tem outra causa senão nossa cobardia, mais do que a malvadez dos nossos inimigos. Mais fracos do que perversos, tornam-se atrevidos porque vêm que estamos sempre promptos a baixar a cabeça. Logo porém que nos virem decididos a combater e unidos para nos defender, elles perderão ao mesmo tempo o atrevimento e a força.

A lucta travada n'este momento pelos Religiosos teve um segundo resultado não menos precioso que o primeiro. Libertando-nos d'uma das causas de fraqueza, offerece-nos uma segunda garantia do bom successo.

P.º H. RAMIÈRE.

(Continúa).

## A SANTA SÉ E O GOVERNO BELGA

Varios jornaes, hostis de ordinario á Santa Sé, como o *Constitutionnel*, o *Glor*, etc., fizeram todavia justiça da pretendida resposta do Ir. Frève Orban, ministro d'Estado da Belgica ao *Memorandum* do Cardeal Nina, Secretario d'Estado de Sua Santidade Leão XIII, sobre a questão do ensino atheu, e declararam que a replica verbosa do ministro belga em nada veio modificar a impressão deploravel que a sua politica anti-religiosa tem produzido em toda a Europa.

Recommendamos estes juizos insuspeitos aos nossos jornaes *commerciaes* e aos que lhes seguem as pisadas com os olhos fechados.

*Si cæcus cæcum ducit...*

Razão teve pois o *Journal de Bruxelles* quando, em seu n.º de 8 de agosto, resume a questão a respeito do ponto desenvolvido pelo Em.º Cardeal Nina n'estas palavras verdadeiramente incisivas:

«No dia 14 de novembro de 1879 o Sr. Frève conheceu as intenções da Santa Sé (intenções claramente expressas no despacho de 11 de novembro por elle rejeitado). A 18 de novembro, quando fallou na camara o proprio Deus não teria podido impedir-o de saber estas intenções, a não ser que approvessse á sua divina Providencia tirar-lhe o uso da razão. *Quos vult perdere Deus dementat*. O despacho de 11 de novembro, que continha a expressão material das intenções da Santa Sé, foi provisoriamente retirado; mas as intenções mesmas não foram retiradas... Se o Sr. Frève não quer confessar que a sua diplomacia foi batida, só lhe resta escolher n'este dilemma... que foi ou parvo ou impostor.»

E' o mesmo que tem dito, embora por outras palavras, toda a imprensa séria da Europa.

A *Civiltà Catholica*, fallando a tal respeito no seu n.º da 1.ª quinzena de setembro, diz muito a proposito:

«O stigma de mentiroso e de calumniador está agora insculpido indelevelmente sobre a frente do Ir. Frève Orban; nem mais nem menos que a de mentiroso e traidor sobre a frente d'aquelles *heroes e cavalleiros (galantuomi)* italianos, os quaes em agosto de 1870 altamente protestavam que jamais iriam a Roma com a força despojar o Papa da sua soberania temporal, e que no entanto faziam marchar as tropas para tal fim, depois de haverem declarado em pleno parlamento que isso seria tal enormidade contra o direito publico internacional, que deshonraria os proprios sultões de Estados barbarescos (*sic*). Isto porém não despojará o irmão Frève Orban da aureola de glo-

ria com que o honra a seita no meio de seus cumplices, do mesmo modo que conservam a reputação de valiosos homems d'Estado e de *leaes* patriotas entre os *italianissimos* os Ir. Lanza, Visconti Venosta, Sella e outros que taes, auctores e executores da conquista de 20 de setembro de 1870.

«Nem isto é para admirar, por que, como bem fez notar o *Univers* de 17 de agosto p. p., a primeira de todas as virtudes maçonicas é a mentira. «A mentira não é vicio senão quando prejudica», ensinava o Ir. Voltaire. E o Ir. Diderot acrescentava: «A mentira é tão pouco essencialmente digna de se condemnar por si mesma e por sua natureza, que até passará a ser uma virtude quando se torne util.» O grão fetiche maçonico Victor Hugo ensina a mesma doutrina nos seus *Miseraveis*. (Ora, tal é a *virtude-mentira* ou a *mentira-virtude* que foi e está sendo glorificada nos chefes da Revolução italiana, pois que se empregam para enganar e opprimir os governos legitimos de Italia em proveito do *Galantuomo* ou «Rei-ladrão» (*Robber-King*, segundo os inglezes citados a seu tempo pelo *Journal do Commercio*), mas a quem se dá presentemente o titulo de «grande rei». O principio assentado por Voltaire e o commentario de Diderot constituem um dos artigos fundamentaes da prohibidade da Franc-Maçõnaria, e o Ir. Frève Orban, *Principe do real segredo* da Loja *Perfeita Intelligencia* de Liege, tem-se mostrado digno discipulo de Voltaire.

Por isso a *Independence Belge*, o *Journal des Debats* (e entre nós o *Commercio*, etc.) lhe hão tecido amplos encomios.»

Ainda a proposito da «questão belga» é muito para se ler e archivar o seguinte artigo de um novo e excelente jornal de Roma,—a *Aurora*.

### ◉ Romplimento de 1880 preparado pela maçonaria belga em 1877.

«O governo da Belgica publicou em seus jornaes documentos relativos á questão que elle mesmo suscitou com a Egreja no intuito de despedir o Nuncio Apostolico d'aquello catholico paiz. Mas não publicou, nem publicará, os documentos que se referem ao seu modo de proceder, e sobretudo deixará nas trevas os que provam a verdadeira natureza, as verdadeiras causas da luta, da qual apenas foram pretextos os que foram levados ao conhecimento do publico. Esta falta nós suppriremos em pequena parte por enquanto, mas tanto quanto basta para *dar um pouco de luz*.

Na Europa moderna, assim como nos Estados que se desligaram do amor e

respeito á Egreja, e que mais ou menos se precipitaram no caminho da apostasia, banindo Deus das leis, para banil-o tambem da sociedade, surgiu um poder novo, terrivel, o qual pouco a pouco tem absorvido o poder dos governantes, forçando-os a agir á sua vontade escravizando-os de tal maneira que lhes é impossivel escapar ao seu jugo. Este poder é a Maçonaria, sob cujo nome indicamos todas as seitas anti-christãs, de varios ritos, fórmas, nomes diferentes, mas todas intimamente unidas no odio a Deus e á sua Egreja.

Sempre que a Maçonaria prevaleceu, demonstrou com factos aos povos que procurava seduzir com falsas doutrinas, quão fallazes e enganadoras eram as suas promessas. A Maçonaria apregoou em todos os tons, que os seus principios fundamentaes eram a paz, a liberdade, o amor, a tolerancia universal; mas apenas seus sequazes galgaram o poder em algum paiz, romperam, por sua ordem, guerra deshumana á liberdade dos catholicos, e aos religiosos. Senhora da Hespanha, logo se viram religiosos esquarterados, conventos incendiados, cidadãos assassinaos pela intolerancia feroz dos sectarios; reinando em França nos fins do seculo passado, levantou logo milhares de patibulos convertendo em legisladores os proprios assassinos de tantos innocentes; e hoje a Maçonaria não mudou de natureza; ainda não faz guerra de punhal, mas para ella se prepara com potencias legaes. Em França, a Maçonaria, arauto da liberdade, priva da liberdade aos religiosos; prégadora de tolerancia, abraça os assassinos e expulsa de suas proprias casas os religiosos, de suas escolas os mestres catholicos.

(Continúa.)

## Seção Scientifica

◉ artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do sr. Julio Ferry.

Pelo Rev.º Padre Felix

### SEGUNDA CARTA (1)

◉ artigo 7.º e o direito da familia

Sr. Ministro.

O que, antes de tudo, obriga v. ex.ª a dar as razões pelas quaes pretende

(1) A primeira carta foi publicada a paginas 102, 124 e 140 do segundo anno, quando esta obra monumental era apenas conhecida pelo que os jornaes francezes haviam dado á luz.

Agora que ella está impressa em um volume, vamos dal-a nas columnas da nossa folha, e depois, faremos d'ella nuna edição separada, para que mais conhecida seja.

justificar o seu artigo 7.º é uma voz bem diversa e bem mais authorisada que a minha: é a voz dos paes de familia affirmando diante da França inteira a inviolabilidade do direito paternal em materia de ensino e de educação.

A ferida aberta no coração dos paes e das mães pelo vosso artigo 7.º é, sem a minima duvida, o que explica a commoção immensa produzida por toda a parte, só pelo annuncio de um projecto de lei que ameaça offender um direito reputado até hoje como o mais innegavel e o mais inviolavel de todós os direitos.

Effectivamente, d'onde pensaes vós que provem esta emoção, de alguma sorte, electrica que de subito, tão universal e espontaneamente sobresaltou as almas, assim em todas as extremidades, como no centro da patria franceza?

De certo, vós, snr., sois mui modesto para que possaes attribuir unicamente ao valor sempre grande da palavra e da authority de um ministro um semelhante movimento do qual, apenas nos offerecem um exemplo os nossos annaes historicos. Quantos ministros, mesmo dos mais illustres e dos mais eloquentes que tem, n'este paiz de França elaborado e levado á tribuna projectos de lei, aliás mui graves, sem excitar nas almas, nos corações e nas consciencias, um sobresalto igual! Mas então porque é que toda a França vos responde com este prodigioso estremecimento como se fora a repercussão da vossa palavra annunciando os vossos projectos? E' porque não só haveis tocado no intimo de milhões de almas, fibra religiosa, a mais profunda de todas, mas porque, ainda para mais, haveis offendido em um milhão de corações a fibra delicada e sempre vibrante do amor paternal e maternal. Ao mesmo tempo que se sentiam offendidos em seu amor o mais legitimo e o mais santo, os paes e as mães sentiam-se tambem accommettidos em sua authority, isto é, na authority para elles a mais cara e a mais sagrada depois da authority de Deus. Assim, grande foi para elles a surpresa, grande a tristeza e muito bem posso accrescentar, grande a indignação quando viram um ministro, orgão do governo agredil-os, atacando juntamente sua authority e seus direitos os mais primitivos e os mais elementares; e nada pôde parecer mais assombroso que o assombro de v. exc.ª diante d'esta emoção que ella mesma provocára.

Esta explosão da opinião publica e do sentimento paternal devia produzir-se tanto mais quanto é certo que nascia da propria força das cousas; e ella manifestou-se com um poder, uma intensidade e uma universalidade que nada pode igualar a não ser a sua espon-

taniedade: espontaneidade bem diversa e bem mais verdadeira que a das ovações que ha pouco vos acclamavam aos gritos de *viva o artigo 7.º*

Eis aqui porque um milhão e quinhentas mil vozes, sem contar todas aquellas que não conseguiram fazer-se ouvir, se levantaram n'um accordo commum para denunciar o grave e publico attentado commettido por este artigo 7.º contra o direito paternal e maternal; e é para que deis a razão d'este attentado que vem ferir com o mesmo golpe a authority dos paes e o amor das mães, que esse milhão e quinhentas mil vozes vos intimam. E' perigoso tocar, snr. Ministro, n'esta authority que se chama um paé e n'este amor que se chama uma mãe, ou para melhor dizer, n'estas duas coisas santas ao mesmo tempo. Na ordem puramente humana não ha nada mais legitimamente ciosa dos direitos que lhe contestam, que esta authority; nada mais sensivel que este amor ás feridas que lhe abrem; e a maior imprudencia que um homem de Estado pode commetter é, incontestavelmente, attentar contra estas duas cousas humanas que eu, de boa vontade chamarei divinamente susceptiveis, sobretudo, quando este duplo attentado vacillar na consciencia christã alguma cousa mais profunda e ainda mais susceptivel, a propria religião.

Como quer que seja, tal é a barreira viva que se ergue contra os vossos projectos invasores, a barreira do direito paternal e maternal; e são milhões de paes e de mães que vos gritam do fundo de seu coração offendido e de sua consciencia conculcada: Para que nos arrebataes o mais caro e o mais sagrado dos nossos direitos?

Mas eu ouço-vos dizer:—Se os paes e as mães teem direitos que eu não quero, nem tenho a pretensão de invadir, tambem o estado tem os seus direitos que eu quero e tenho o dever e a missão de defender.—Seguramente, o Deus me defenda de negar estes direitos do Estado que bem depressa iremos examinar! Mas é preciso definir antes de tudo quaes são, em materia de ensino, os direitos incontestaveis da familia. E' de toda a evidencia que o conhecimento exacto dos direitos do Estado presuppõem aqui o conhecimento e a definição previa dos direitos da familia. Não ha direito contra direito. Os direitos subordinam-se, não se contradizem e da mesma sorte que os direitos certos do Estado não podem estar em opposição com os direitos certos da familia, os direitos certos da familia não podem estar em opposição com os direitos do Estado; e em toda a hypothese os direitos do Estado se n'este caso os teem, só podem começar onde acabam os direitos da familia. E por

que, como vae ver-se, a constituição da familia com seus direitos, é racional e historicamente anterior á constituição dos Estados, o conhecimento e a definição exacta dos direitos dos Estados presuppõem o conhecimento e a definição dos direitos essenciaes da familia.

E' tanto mais necessario, hoje em dia, comprehender e estabelecer com segurança os direitos primordiacs da sociedade domestica, quanto é certo que ha nas sociedades modernas e designadamente nas sociedades mais dominadas pela idéa revolucionaria, uma tendencia muito manifesta para invadir o dominio da familia e para a ir pouco a pouco sujeitando á omnipotencia do Estado, até que consiga a sujeição absoluta e definitiva. Effectivamente o Estado moderno, sobretudo na nossa França revolucionaria parece não querer já contentar-se de governar e de administrar a sociedade publica; elle aspira cada vez mais a governar e a administrar a sociedade domestica. Em lugar de limitar-se, em relação com o lar domestico a este papel de defensor e de protector que é o seu direito essencial, por que é o seu dever fundamental, tende a apoderar-se de uma função directora nas proprias cousas da familia e particularmente na educação; e como consequencia, tende a exigir n'este dominio essencialmente privativo, um direito de ingerencia o qual a nada menos chegaria que a supprimir em suas funções as mais proprias e as mais suas, a authority paternal e maternal. Causa singular! enquanto que os politicos da Revolução accusam e tornam a accusar a Egreja do invadir o dominio proprio da sociedade civil, tendem elles proprios, todos os dias, e cada vez mais, a invadir ao mesmo tempo o dominio proprio da sociedade religiosa e o dominio proprio da sociedade domestica.

A negação pratica da authority e dos direitos de Deus, author e soberano senhor de todas as cousas leva-os, como se fora por um declive fatal, até á negação pratica dos direitos do paé de familia, cuja authority depende d'esta soberana authority; e os nossos legislatas e legisladores, mais ou menos inspirados por este sopro que atravessa o nosso mundo moderno, exercem a sua industriosa actividade em procurar o direito de intervenção da sociedade publica na sociedade domestica; e fazem isto exactamente no tempo em que mais necessidade havia de procurar definir, antes de tudo, quaes são os direitos proprios, os direitos essenciaes e verdadeiramente primordiacs, inherentes á sociedade domestica. Quaes são estes direitos? Qual é a origem d'estes direitos? Quaes são os caracteres d'estes direitos? Qual é a extensão d'estes direitos? Qual é, n'uma palavra, a impres-

criptivo legitimidade d'estes direitos? Eis aqui, Sr. Ministro, o que era preciso perguntar-vos e o que era preciso que tivesseis definido e fixado bem antes de vos arrojardes, em nome dos direitos do Estado, a uma aventura legislativa que ameaça lançar a obscuridade e a perturbação no dominio de todos os direitos. E' para ajudar-vos a reparar esta missão mui grave que ousou convidar-vos, e comvosco todos os homens sérios a lançar, pelo menos, a vista rápida do vosso pensamento sobre a natureza, a origem, a extensão e os caracteres d'esto direito paternal tão desconhecido hoje, e deixac-me dizer-vol-o, tão imprudentemente ameaçado por vós mesmo.

Qual é a origem do direito paternal? Quem dá ao pae, juntamente com o dever, o direito de prover a tudo quanto é necessario á vida material e moral de seu filho? E' porventura alguma convenção humana? algum facto livremente contrahido e revogavel segundo a vontade de quem o contrahiu? E' porventura uma constituição, uma legislação social qualquer? Não, nenhum homem, nenhuma convenção humana, nenhuma potencia humana, nenhuma cousa humana, em uma palavra nada d'isto deu nom pode dar ao pae o direito paternal. Este direito tem-n'o elle do proprio Deus author de toda a paternidade. Visto em sua origem e em sua raiz, á lettra, o direito do pae de familia tem alguma cousa de divino e o direito do pae de familia é, no melhor sentido d'esta palavra, um verdadeiro direito divino. Este direito foi creado pelo mesmo acto que creou a familia.

Ora a familia, não é uma coisa de criação humana, é uma coisa de criação divina. Olhae-a em seu berço. Quando se tratou de creal-a Deus interveio directamente. A familia foi creada com o homem e a mulher e os direitos do pae e da mãe derivaram da propria formação da familia.

Sob esta relação nada absolutamente pode comparar-se á familia a não ser a Igreja de Deus. A criação da familia é da ordem natural, a criação da Igreja é da ordem sobrenatural: a differença profunda entre a sociedade religiosa que se chama Igreja e a sociedade domestica que se chama familia está n'isto. Mas ambas se encontram n'um mesmo ponto, uma *origem divina*, por que ambas, em sua esphera respectiva, derivam de um acto divino.

(Continúa).

## Secção Critica

### UM MAU LIVRO DE HISTORIA

Pessoas, dignas de todo o credito, me teem affirmado que no Seminario de Braga se admittie como compendio de historia universal uma obra detestavel intitulada: «*Compendio de historia para uso das escholae por João Antonio de Souza Doria*». Se tal é, não é o Seminario de Braga o que muita gente pensa: o que é para lamentar.

Para que os leitores formem alguma idéa da obra do sr. Doria ahi apresentamos alguns trechos, que iremos re-  
futando.

A paginas 79 (1) do primeiro volume exprime-se assim o sr. Doria:

«*Numa, fingindo ser inspirado pela Nympha Egeria, deu uma forma respeitavel ao culto religioso*». D'estas palavras segue-se logicamente que o fingimento é uma boa cousa porque dá uma forma respeitavel ao culto religioso.

O sr. Doria diz do mesmo Numa: «*Teve as virtudes moraes mais recommendaveis*». Ora Numa fingiu ser inspirado, logo o fingimento é uma virtude moral mais recommendavel. Parece incrível que haja quem admitta como compendio um livro que contem taes sandices!

O que ha de verdade é que assim como o dinheiro falso é prova de que ha dinheiro verdadeiro, da mesma sorte a fingida inspiração de Numa é prova de que houve homens verdadeiramente inspirados. Taes foram os Prophetas.

Isto, que é verdade, não o disse o sr. Doria, porque dominado pelo espirito voltaireano tem por systema elogiare os inimigos da verdadeira Religião embora para tecer taes elogios tenha de espinhar a logica e ultrajar o senso commum.

Veremos que o sr. Doria que deixa a logica a verter sangue para elogiar os pagãos, hade procurar rebaixar os catholicos, embora ás vezes tenha de calumniar-os. Era tambem esta a tactica de Voltaire, a quem o sr. Doria tomou por modelo.

A pag. 112-113 do mesmo primeiro volume mostra o sr. Doria grande pezar pela morte de Bruto e Cassio, que depois de terem apunhalado Cesar, se suicidaram; e a pag. 29 do segundo volume conta com a maior frieza o assassinio de Luiz XVI, rei de França. Qual será a causa d'esta frieza e d'aquelle pezar? E' que Bruto e Cassio eram pa-

gãos e revolucionarios e Luiz XVI era catholico e soberano legitimo de um estado, e o sr. Doria tanto sympathisa com os pagãos e revolucionarios, tanto antipathisa com os catholicos e com todo o individuo revestido de auctoridade!

A pag. 35 do 2.º volume, fallando do desthronamento de Luiz Philippe, diz o sr. Doria: «*a revolução que representa a soberania do povo, vai fazendo mudar a politica das côrtes, aonde os reis olhando attentos para a sorte de Luiz Philippe, vão concedendo garantias aos povos.*»

Aqui a palavra «*povos*» é synonyma de revolucionarios por isso que a «*revolução* representa a soberania do povo», ora os revolucionarios quantas mais garantias lhes forem concedidas, mais garantias reclamam; e quando se veem fortes revoltam-se contra aquelles mesmos que attenderam as suas petições.

Os revolucionarios são como as serpentes que mordem os incautos que procuram acalentar-as, por isso os monarchas que em vez de reprimir sua atrevida petulancia e suas demasias, teem procurado satisfazer suas exigencias teem sido mortos ou desthronados. A historia verdadeira ahi está confirmando o que acabamos de asseverar.

Mas voltemos ao primeiro volume de que já nos iamos esquecendo: a pag. 160 do dicto primeiro volume diz o sr. Doria:

«*Ninguem se atreverá a pôr em duvida, que o christianismo trouxe á Europa e ao mundo civilizado uma perenne fonte de bens... Porem desgraçadamente o fanatismo não tardou em vir estorvar o progresso d'estes beneficios.*»

Passemos por alto as considerações que podiamos fazer para mostrarmos a perdida d'estas palavras e continuemos a ouvir o sr. Doria:

«*O Christianismo, diz o plagiario de Voltaire, n'aquelles tempos d'ignorancia serviu de pretexto e motivo para perseguições tão atrozes como aquellas que veio terminar.*»

Se alguns salteadores e assassinos atacarem a casa de algum proprietario, e este procurar defender-se da injusta aggressão e ficar morto na lucta algum dos aggressores, segundo a logica do sr. Doria, deve-se alcinhar de perseguidor atroz esse proprietario, ainda mesmo que em aggressões identicas já passadas os filhos d'esse proprietario tenham sido crivados de balas pelos mesmos aggressores.

Este proprietario (segundo o sr. Doria) deve carregar com toda a culpa: seus bens serviram de *pretexto e motivo* para a *perseguição* (chamar lhe-iamos nós justa defeza). O sr. Doria, seguindo as pizadas de Voltaire, con-

(1) Temos á vista a primeira edição de que nos servimos. Consta-nos que em todas as edições se contem os mesmos erros.

funde perseguição com punição justa e legitima.

Perseguição é uma maneira injusta e illegitima de proceder contra homens que não são culpados: punir porem legitimamente os culpados não é perseguição.

As leis são estabelecidas para manter a ordem e o que é justamente vantajoso á sociedade. Devem proteger o innocente, os direitos do cidadão sabio e virtuoso, assegurar a tranquillidade e punir os criminosos. A severidade e a sabedoria nas leis são egualmente necessarias: a primeira para impedir o mal; a segunda para procurar o bem.

Mais. Como entre os homens é impossivel que não se achem de tempos a tempos individuos que deixem de respeitar o bem geral e commettem injustiças; a auctoridade e severidade das leis é necessaria para impedil-os de continuarem a perpetrarem essas injustiças, conduzil-os ao dever, e para fazel-os reparar o mal que causaram e sustener o contagio do mau exemplo que a impunidade favoreceria (1).

P.º *Chrispim Caetano Ferreira Tavares.*

(Continúa).

### O Seminario Patriarchal de Santarem, a administração do seu Reitor o Rev.º Manuel Xavier Pinto Homem e os seus inimigos.

Quem é que não tem inimigos n'este valle de lagrimas? Quem é que, caminhando pelo caminho recto, traça-lo pela honra, pela virtude e pelo dever, não vê aos lados d'esse caminho, nas tortuosas sendas em que se embrenham os incapazes de praticar o bem, os invejosos do seu festival caminhar, dos louros colhidos onde elles não são capazes de procural-os? O maldizer a administração do Rev.º Dr. Manuel Xavier Pinto Homem, antes da publicação do seu relatorio, que temos presente, podia ser occasional por ignorancia; o fazel-o depois da sua publicação, é requinta má fé.

Levantar uma casa de educação á altura que hoje se acha o Seminario Patriarchal de Santarem cousa é para merecer os applausos de todos os homens que prezam a prosperidade e o bom nome, que ultimamente tem aquirido

aquelle importante estabelecimento de educação.

Mas, a par de notaveis melhoramentos introduzidos pelo actual Reitor, melhoramentos que de ha muito eram reclamados, e que não ha, nem pode haver quem os conteste, que de *carolices*, que de *biaterias* não juntou sua reverencia ás já existentes n'aquella casa!

A devoção do Mez de Maria, a devoção do Apostolado da Oração ao Sagrado Coração de Jesus, o Rosario Perenne e outras cousas igualmente *desnecessarias* fazem, por um pouco, *offuscar* o brilho das obras boas, e cremos que é isto, principalmente, o que tem creado inimigos ao venerando Reitor; porque isto do Mez de Maria, essa devoção tão poetica, tão sympathica, tão bella como é bello o mez em que elle se faz, é o maior peza-lello da impiedade. O culto tributado á Rainha dos Anjos no mez das flores custa atrocemente a soffrer aos inimigos da Religião santa de Jesus, e é por isso, por o Religioso Reitor de Santarem o haver introduzido no seu seminario, que os inimigos de Deus se voltam seus proprios inimigos. Mas deixal-os. O tempo occupado pelos estudantes em tão santos exercicios bom mais bem empregado é que aquelle que gastam muitos estudantes nos theatros, onde se representam dramas immoraes; nos cafés onde se maldiz da Providencia, e em outras casas que a nossa penna se recusa a mencionar.

Pela rapida leitura que fizemos do relatorio, que deveras agradecemos, vemos que a Junta da Bulla se recusára pagar a verba de 1:080.5000 réis destinada ao pagamento de professores, allegando-se que os estudantes podiam frequentar certas disciplinas no lyceu da cidade. Ora isto, n'uma epoca em que os desperdicios de todo o genero são levados a effeito em todas as repartições do Estado, é de um ridiculo passmoso. E ainla que este facto se não dá n'uma repartição do Estado, n'uma repartição civil, ainda assim, mesmo em repartições ecclesiasticas quantos desperdicios, quantas quantias amontoadas, muitas vezes, n'uma só bolsa, e, diga-mol-o aqui á puridade, sem serem destinadas a recompensar serviços de alguma especie prestados á Igreja!

Esperamos que o ex.º commissario da Bulla, ecclesiastico respeitavel, em quem conhecemos todos os dotes que caracterizam um verdadeiro ministro de Christo, attenderá ao quanto importa que os seminaristas de Santarem tenham dentro do Seminario todas as aulas, e que para economias, não faltará verba onde se façam, e não n'esta que sobre pequena acresce o ser necessaria.

Felicitemos o Rev.º Dr. Manuel Xavier Pinto Homem, pela boa ordem que

tem sabido manter no seu Seminario, pela economia com que o tem administrado, e pelas reformas introduzidas n'elle.

ELIAS DE SAMPAIO.

## Os nossos correspondentes

### MOVIMENTO CATHOLICO EM PORTUGAL

Abrimos n'este logar uma secção destinada a narrar o movimento catholico que se va operando nas diversas terras do nosso paiz, e é com a maior satisfação que a encetamos dando cabida á primeira carta d'un dos nossos mais distinctos oradores o Ex.º Dr. Santos Monteiro, dignissimo conego na Sé de Lamego.

A quem poder pedimos noticias para esta secção.

### CARTA Á REDACÇÃO

Pedem-me a minha cooperação para o excellente periodico *Progresso Catholico*.

Não é bom bater á porta dos pobres, pedindo esmola, porque ninguem dá o que não tem. Não sou, nunca fui escriptor publico, mas se o sentimento basta, com esse po-lem contar; e para que não sejam tudo palavras, ahí va esta correspondencia, que pobre no estylo, é rica pelos factos que narra, e pelos sentimentos de profunda religiosidade, de que dá testemunho.

V. não ignora de certo que se deu começo em Lamego a uma casa destinada para a educação litteraria e religiosa da mocidade. A benção de Deus tem reanimado os esforços do homem, e essa obra tão util está hoje adiantadissima. Lembraram-se alguns sacerdotes de construir junto d'essa casa um templo consagra-lo ao Santissimo Coração de Jesus; e depois de obterem a approvação do nosso venerando Prelado, depois de terem alcançado a approvação e benção do Santissimo Padre Leão XIII, pozeram mãos á obra, e lançaram os fundamentos do templo.

A Santa Sé é sempre generosa, quando se trata de auxiliar empreendimentos d'esta natureza, e o veneravel e sabio ancião, que hoje preside aos destinos da Igreja de Deus, fiel ás gloriosas tradições da cadeira, que occupa, abrindo os cofres da Igreja, concedeu indulgencia plenaria a todos os fieis, que, guardando as condições do estylo, concorrerem para a obra do templo ou pedirem esmola para elle.

E não faltou quem quizesse aproveitar-se d'esta graça especial. Quem no dia 21 do corrente entrasse na magestosa cathedra de Lamego, veria os primeiros fructos da benção de Deus pelo

1 Entre nós costumam ficar impunes crimes hediondos e abominaveis contra a lei fundamental. O excellente jornal de Coimbra, *A Ordem* já estigmatizou esse procedimento: nós levantaremos tambem um brado contra essa criminosa impunidade.

seu vigario. O Ill.<sup>mo</sup> Cabido, os sacerdotes mais zelosos da cidade, as pessoas mais gradas, todas cooperaram, para que?... Para que o dia 21 de Novembro fosse em Lamego um dia de festa verdadeiramente christã. Celebrou a missa o Ex.<sup>mo</sup> Conego Ramalho; fez uma breve allocução o signatario d'estas linhas; e cerca de 500 pessoas de ambos os sexos se aproximaram da meza eucharistica, para participarem pela primeira vez da graça, concedida pelo representante de Jesus Christo.

A esmola recebida n'este dia não foi grande mas em compensação via-se tanta piedade, tanto respeito, no clero, na nobreza e no povo, que não podemos deixar de agourar prospero futuro para a santa obra, que encetámos.

Não é de certo indifferente aos leitores do *Progresso Catholico* saberem que na cidade de Lamego vive ainda a mesma fé que animava nossos maiores. E' necessario que estes factos se conheçam para alento dos tibios e consolação dos fervorosos. O que falta em Portugal não é religião no povo. Ninguém appella debalde para o sentimento christão dos Portuguezes: a voz da fé acha sempre um eco em seus corações. Não está tudo perdido, em quanto aquellos que presidem aos destinos da Igreja podem contar com a dedicação e amor dos fieis.

Quando algum facto d'esta natureza for occorrendo por esta terra, onde a Providencia Divina me collocou, il-o-ei noticiando aos leitores do *Progresso Catholico*, porque a mais não chega.

JOSÉ DOS SANTOS MONTEIRO.

## Secção litteraria

### SPES UNICA

A M...

Crês tu que é fúmida a aureola  
que do porvir revorbera?  
que d'entre os muros da hera  
socm espinhos brotar?  
que os brilhos puros do vespero  
se apagam ante a celagem?  
n'ella em medonha voragem  
batem-se as iras do mar?...

Na selva dizes que ao aspido  
dá sombra a moita do fono?  
que se distilla o veneno  
no casto seio da flor?  
que dentro de copa argentea,  
entre os rubis do phalerno,  
fugida aos antros do averno,  
a morto, audaz, se vem pôr?...

Achas que o amor é phantastico  
sonho que a aurora arrebatá...  
papoula que esfolha e mata,  
por sobre tarde, o tuflão?  
que, ás vezes, do amigo o labio  
é trama forma cortina?  
que atroz insidia germina  
da esposa no coração?...

Do mundo no agreste paramo,  
que d'hora em hora se afeia,  
ha onde o mal se meueia  
e occupe o erro um logar?  
ha onde o buzerro adore-se?  
onda a verdade se opprime?  
ha onde as leis dê o crimo...  
onde o impudor tenha altar?...

D'istante a instante, em miseria  
vae-se a invejada ventura?  
a gloria, que um pouco dura...  
o gozo, que as honras dão?  
Após o éden, o exilio?  
Succede o luoto á alegria?  
a tormenta á caluarnia?  
após a vida, a inação?...

Pois bem!... se os algares cavam-se,  
a esmo, em solo temivol,  
e rochedo inacessivel  
buscas ás vagas a flux...  
se queres a luz sem maculas...  
um bem que não seja vario...  
—busca a paz do sanctuario,  
cubram-te os braços da Cruz.

MANOEL MARIA FRUCTUOSO.

## VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

### CAPITULO II

Flavio Sabino

(Continuação)

—Na verdade, Lucio, acrescentou, só tu possues taes primores d'arte... E ao mesmo tempo examinava minuciosamente a taça que tinha nas mãos.

—Deu-m'a o esculptor Didio Prospero, disse Lucio com visivel satisfação; mas se te apraz, tenho o gosto de offerecer-t'a: ainda que tu pouco ou nenhum caso fazes das obras dos nossos artistas, a julgar pela falta de ornatos que se nota no teu palacio.

—Que ha de novo? perguntou então Favia Domicilla, que estava á direita de Sabino.

—Nada, respondeu Lucio. Corre, sómente que chegaram hontem muitos gladiadores da Gallia.

—E' verdade, que eu vi-os passar pelo Forum, disse Paulo Sabino; e com certeza, que passou um de estatura agigantada: o povo, quando o viu, não pôde deixar de congratular-se... Parece-me que é homem para derribar o proprio Hercules.

—Isso lá o veremos na arena, disse desdenhosamente Marcia, esposa de Lucio; eu até aposto em como Palante o ha de fazer succumbir.

—Isso quem sabe? disse seu esposo

Publio Lucio; nem sempre o melhor mûço é o mais valente, nem os mais esforçados os mais déstros; apezar que eu aposto tambem por Palante.

—E a proposito, Silano, aonde ias tu hontem tão ligeiro, apezar do muito calor.

—Era que um dos meus libertos tinha fallecido, deixando-me herdeiro, e eu ia calcular o valor que poderia render a cousa.

—Dou-te os meus parabens, disse Favia sem poder dissimular os ciumes. E ficou, tudo, um pouco, silencioso.

—E Nero? perguntou ella promptamente.

—Prepara, talvez, alguma nova diversão, disse Lucio.

—Alguma comedia ou alguns versos, que irá recitar publicamente, ou então alguma corrida no estadio, acrescentou sua esposa. Estou que ainda o havemos de vêr feito um cocheiro.

—Pois se não guia seu carro melhor que o do Estado, temos queda certa, disse Sabino, a meia voz.

Publio Lucio, interrompeu-o dizendo:

—Por quem és, Sabino, sê prudente. Não sabes que estamos rodeados de delatores? que nossos escravos e libertos?...

—A não ser, continuou Sabino sem commover-se, a não ser que prefira incendiar outra vez Roma pelas quatro partes para imputar este crime aos christãos e pretextar assim mandal-os queimar vivos nos seus jardins e sob os seus porticos.

—Mas diz-se que na verdade, os christãos são criminosos, replicou Silano.

—E tambem me consta, disse Marcia, que commettem frequentemente crimes horrorosos.

—Felizmente, acrescentou Favia, o edicto que se acaba de publicar contra elles, vai fazer diminuir muito o numero d'esses miseraveis.

—Accusações tão vagas e tão pouco provadas parece-me que não podem autorizar taes perseguições, disse Sabino com dignidade e tristeza. Não ha nada mais facil do que imputar a alguns homens todos os crimes, que se quizerem; mas antes de castigal-os é mister provar que são na verdade criminosos, e eu sei que nunca se intentou tal prova relativamente aos christãos.

—Como! exclamou Favia levantando-se da cadeira; pois achas pouco desprezar a Jupiter e aos outros deuses do imperio, e preferir a elles um judeu crucificado.

—A esse respeito, Favia, calo-me; mas permitta-se-me sómente observar, ainda que não conheço pessoalmente nenhum christão, que homens que soffrem por sua religião os mais crucis tormentos sem soltar um gemido (e

d'isto sou testemunha) e que longe de odiar seus verdugos, antes lhes ficam gratos por lhes abrir as portas da que elles chamam sua patria eterna, estes homens, repito, pode acontecer muito bem o não serem tão crimosos como os julgam. Não morrem assim os malfeitores!

—Tudo isso não passa d'um louco enthusiasmo, replicou Marcia com ar de mofa.

—Talvez... ia a dizer Sabino.

—Decididamente, meu amigo, lhe disse Lucio sorrindo, o que vale é não estar aqui nenhum dos delatores, que tão numerosos são em Roma e até nos nossos proprios palacios; porque se estivessem, era de crêr, que chegasse aos ouvidos do Cesar o ecco das tuas palavras, e então...

(Continúa).

## Secção Bibliographica

*Historias dos anjos.*—*La Ilustracion Catolica.*—*A Biblia popular Illustrada.*—*Ventura do homem predestinado*—*Desgraça do homem precito*—*Jornaes.*

Demos o primeiro logar, ao sacelar esta pequena revista, que quinzenalmente costumamos passar aos livros e jornaes que nos pejam a banca de trabalho, a um pequenino livro, tão cheio de poesia, de unção christã, como prente de elegancia, e de tudo quanto a arte typographica pôde dispensar a um livro. É por ser pequeno, o mais pequeno, sem duvida de todos os de que temos de occupar-nos, que nós lhe damos a preferencia, porque podia perder-se e lá ficavamos nós com remorsos de o não haver recommendado aos nossos leitores.

Orna-se com o poetico titulo de:—*Historias dos anjos*, e é vertido pelo muito reverendo Prior da freguezia de S. Jorge de Lisboa, e devido á penna do R. P. W. Faber.

São quatro lindas historiasinhas impregnadas, como já dissemos, dos mais bellos aromas da poesia christã, e por isso bem dignas se tornam de ser lidas pelas creanças, e não só por essas, mas também pelas damas que desejarem passar algumas horas com o espirito prezo a uma deliciosa leitura.

Os titulos que encimam as quatro *historias dos anjos*, dizem de per si, quantia poesia e innocencia encerram as pequenas narrativas. Ora vejamos:—*Uma linda meia noite ou os meninos desprezados do mundo.*—*A morte de Filippo ou a innocencia que soffre.*—*Stella a orphão ou a bondade de Deos.*—*O Anjo das santas lagrimas ou o culto da reparação.*

Fazei aquisição d'este pequeno livro leitores meus, e crêde não haver de arrependê-los.

É editado pela Livraria Catholica de Lisboa, de que é proprietario o snr. Joaquim Antonio Pacheco, a quem podem ser feitos os pedidos, e a quem agradecemos o exemplar com que fomos brindados.

Quando tanto se falla das cousas da França, não é fora de proposito o fallarmos do ultimo numero da *Ilustracion Catolica*, revista mensal que se publica em Madrid, e que acabamos de receber. Acompanham este numero duas gravuras que tem, na occasião actual, um chiste, uma graça bem digna de crescer-se. Representa uma os *perseguidos*, e outra os *perseguidores*. A primeira representa a bibliotheca d'um convento; grande meza ao centro, sobre a qual pousam grandes in-folios, nos quaes teem preza a imaginação alguns monges, enquanto outros observam atravez os crystaes d'uma lente algumas moedas ou medalhas antigas, e outros, em grupo á parte admiram outros objectos dignos das atenções dos homens da sciencia, etc., etc. A outra gravura representa uma sala, com grande meza ao centro, mas ao contrario d'aquella, está coberta de ricos candelabros e jarrões de custoso preço, por entre os quaes se destende uma forte bateria de garrafas. Os commensaes empunham todos copos d'onde irrompe o espumante Champagne, e um d'elles, Mr. Gambetta, está em pé, de copo em punho, em attitude de fallar.

Aqui são os perseguidores embriagando-se com o vinho, em meio d'uma orgia; acolá são os perseguidos engolfados no estudo, em meio da paz que disfructam as consciencias puras.

São duas gravuras que bem mostram os dois campos em que se acha dividida a França. Agradecemos á illustrada redacção o bom assumpto que escolheu para os dois quadros, e mais uma vez, por isso, recommendamos a leitura da *Ilustracion Catolica*, que custa apenas 3\$000 reis por anno.

A *Biblia popular illustrada* é uma outra publicação interessante, que temos recebido com a maxima regularidade, e da qual nem sempre nos é dado fallar. Accusando hoje a recepção dos fasciculos 16 a 20, é nosso dever louvar a empreza pelo esmero com que tem continuado esta publicação, tornando-a uma das mais bellas que no nosso paiz se teem feito, abstraindo mesmo da importancia que tem em ser um livro catholico: bem impressa, magnificas illustrações, papel que nada deixa a desejar, etc., etc. No fasciculo 16 principia a narrativa do *exterminio dos Ma-*

*dianitas*, e termina no vigesimo a da *tomada de Jerusalem*.

Agradecendo a offerta dos fasciculos que nos teem sido enviados, desejamos ao mesmo tempo que a empreza haja sido bem recompensada dos esforços empregados.

Reservamos para o fim o occuparmos d'um livro, que está, ao que nos parece, destinado a fazer um grande bem á actual geração.

É o seu titulo: *Ventura do homem predestinado*—*Desgraça do homem precito*.

Composto em dialogos por Frei Antonio do Sacramento, e agora reduzido a compendio pelo Revd.º Padre Antonio Fernandes Cardozo, cremos ser o livro mais apropriado, para nos ensinar a conhecer o rigor da justiça divina, e ao mesmo tempo para nos ajudar a admirar a infinita misericordia do nosso Salvador. Aos confesores deve elle ser de grande auxiliar e a todos de summa importancia.

Da Advertencia com que abre o livro, transcrevemos o seguinte, que bem mostra o zelo que inspirou ao R.ºo Arcipreste da Pampilhosa ao dar á luz um livro que ha muito se não encontrava á venda:

«Como especialmente destino este compendio para os Associados do Apostolado da Oração e do S. Coração de Jesus, lhe puz no fim um appendice de varias orações e meditações proprias d'esta devoção e tiradas de varios auctores, as quaes a todos podem ser mui uteis para melhor poderem honrar e desaggravar este Divino Coração.»

É um volume de 220 paginas, e custa apenas 200 réis. Vende-se em varias livrarias do Porto e na administração do *Progresso Catholico*, em Guimarães, onde podem ser feitos os pedidos, que logo serão satisfeitos, sendo o livrinho enviado franco de porte sem augmento de preço.

Recommendamos, como é dever nosso, a leitura d'este livrinho, e fazemos votos porque se propague como merece, para que o digno sacerdote que o fez sair de novo á luz veja satisfeitos os seus desejos, que outros não são que os nossos:—a propagação d'um bom livro.

JORNAES

Reappareceu em Angra do Heroismo o *Catholico*, periodico suspenso ha alguns annos, e que cheio de coragem e de fé volta ao campo da liça onde tanto se carece de aguerridos soldados.

E bem aguerrido nos parece o novo batalhador, pois que, afóra a boa vontade que antes lhe conheciamos, admiramos-lhe agora uma finissima tempera

nas armas, a cujos golpes não será facil resistir aos inimigos de nós todos.

Os nossos parabens e tantas felicidades, em meio do campo onde pelejamos, como as que para nós ambicionamos. A bandeira que nos cobre é a mesma, a mesma deve ser a sorte de ambos.

F. DE GUIMARÃES.

**Ao nosso collega do «Comimbricense» enviamos muito saudar por occasião do seu 34.º anniversario.**

A REDACÇÃO.

### Retrospecto da quinzena

Por vezes o temos dito e hoje somos obrigados a repetil-o: — *O Primeiro de Janeiro*, jornal que se publica no Porto, é d'entre o pessimismo jornalístico portuguez o mais sabujamente indecente, o mais nojentamente anti-catholico. Dotado d'uma requintada má fé, deixando antever em seus escriptos um odio de seita contra o catholicismo, chega ás vezes a provocar, não um desmentido, por que esse merece-o quem de boa fé publica escriptos que offendem os outros, mas o castigo que em plena praça publica se costuma dar ao roubador da honra alheia.

Ha dias publicára o indecente pasquim um artigo a que chamára *Jesuitas* e no qual vomitava o insulto e a calumnia de todas as linhas. E porque o principal iusulto feria a reputação de uma senhora, viu-se ella obrigada a vir á imprensa desmentir a pedantesca calumnia, com a publicação da seguinte carta que nós de bom grado publicamos, e que devera tambem ser publicada no jornal calumniador, a que é dirigida. Eil-a:

«Lisboa, Collegio de Jesus Maria José, 25 de novembro de 1880.  
Sr. redactor do «*Primeiro de Janeiro*».

Não posso occultar a v. exc.<sup>a</sup> que peço da penna com grande repugnancia, e que não o faria, se a isso me não visse forçada pelo que me constou ter-se escripto no seu periodico de 18 do corrente mez com relação ao instituto de educação estabelecido no «antigo convento das Inglezinhas em Lisboa», de que eu sou proprietaria e directora.

Affirma v. exc.<sup>a</sup> que este «convento caiu nas mãos de jesuitas italianos» depois que d'elle se retiraram as religiosas que o habitavam. Isto, snr. redactor, é absolutamente falso; esta falsidade porém não seria bastante para me fazer romper o silencio, se não fos-

se seguida de uma insinuação tão vergonhosa e infame que a penna se me recusa a transcrever textualmente as palavras com que é feita. «A communitade, diz o citado artigo, não se compõe só de homens; compõe-se tambem de mulheres. Admiremos esta promiscuidade de sexos!... *Estas santas alminhas... vivem dentro do mesmo convento, em dois corpos separados, mas ligados por uma comunicação interior... Tem uma escola frequentada especialmente por creanças das classes baixas, onde as almas tenras se prendem alli, se lhes inocula o virus, alli se prepara a dominação futura pela conquista das gerações*», etc.

Snr. redactor. creio que a sua boa fé foi illudida por algum malicioso calumniador, que quiz prejudicar este instituto de educação que até agora tem merecido a confiança de numerosas familias, não só de Lisboa, mas de todas as provincias de Portugal, sem distincção de classes nem de partidos politicos. N'este collegio temos tido e temos presentemente mais que nunca, alumnas filhas de honrados negociantes, assim como de nobres titulares, juizes, deputados a côrtes e ministros d'estado. Corre-me por isso obrigação de zelar a fama e o bom nome do estabelecimento, a que tantas familias honradas confiam e confiam os mais queridos penhores do seu affecto.

Se eu o não fizesse, faltaria a um dos deveres mais strictos do meu cargo, e poderia ser accusada de não corresponder á confiança que essas familias em mim depositam. Por outra parte um estabelecimento d'este genero, um collegio de meninas sobretudo—S. Ex.<sup>a</sup> bem o comprehende, — vive especialmente do conceito moral de que goza perante o publico; e calumnial-o com perfidas insinuações ou desbragadas calumnias, é causar-lhe, ou pelo menos pretender causar-lhe gravissimos prejuizos, o que se julga,—pondo de parte o feissimo caracter de quem practica conscientemente similhante acção,—um crime digno de severo castigo com que as leis o punem, e importando a responsabilidade por perdas e damnos assignada nos codigos de todas as nações cultas.

E' por isso, snr. redactor, que não passando de um acervo de falsidades tudo aquillo que a respeito d'este estabelecimento no seu jornal se affirma, e que eu atraz copieei, transcrevendo textualmente as suas phrases mais salientes, me vejo forçada a dar-lhe o mais solemne desmentido com toda a energia da minha alma, e designadamente á torpe calumnia de que eu, as minhas collegas de ensino e as meninas que educamos, vivemos em «communitade com homens» e de que haja a minima

«comunicação interior» d'esta casa com qualquer outra da vizinhança, o que é facil de verificar.

As unicas communicações d'este collegio para fóra do seu recinto altamente murado são as duas portas n.º 8 e 10 na rua do Quelhas. O unico homem que vive d'essas portas para dentro é um hortelão bem conhecido das familias das nossas alumnas.

Repito, snr. redactor, que mo repugna e quasi me envergonho de descer a estas explicações; mas já que assim é preciso... peço, e, para não invocar a lei, exijo do seu cavalheirismo, surprehendido por falsas e maliciosas informações, publique esta minha carta, como solemne e formal desmentido ás calumnias exaradas contra o estabelecimento de educação, a que presido, em o n.º 269 do seu jornal.

Sou, snr. redactor—De V. Ex.<sup>a</sup>, attenta veneradora—A directora, *Maria Rosa Podestá*. (Segue-se o reconhecimento.)

Ahi fica o desmentido, e com elle desmascarado um dos mais atrevidos cori- pheus da revolução.

Se os *janeiros* portuguezes tivessem quem lhes dêsse uma ensinadella como levaram uns *janeiros* francezes, não seriam tão ousados. Vejamos que tal ella foi:

—Momentos antes de largar para Dowers o vapor inglez que devia levar a bordo grande numero de religiosos, uns d'uzentos devassos, a ralé d'aquelles sitios, acompanhados de mulheres que não teem nome na sociedade honesta, foram postar-se no caes e dirigiram os maiores insultos aos frades expulsos; porém, quando estes iam para embarcar, viram um grande numero de pescadores e mulheres de marinheiros que, com os seus filhinhos ao collo, lhes pediam a bengão, de joelhos.

A turba multa dos *iscariotes* revoltou-se contra as mulheres, e insultou-as, dando-lhes nomes que a decencia manda calar. Os tripulantes d'uns barcos de pesca, ouvindo o uivar d'aquelles bravos republicanos, remaram para terra, e, agora o vereis, applicaram-lhes um remedio tão heroico que, estes annos mais chegados, hão-de fugir d'um caes, como o demonio foge da cruz.

Para nós temos que é o unico meio de pôr um dique a certos atrevimentos.

E bom favor se lhes fazia ensinando-os de qualquer fórma, por mais energica, porque os livrariamos de ser um cidadão Gambon, e de educarem filhas que devem ser uma nova Luiza Michel, a célebre communista ha pouco entrada em França, depois do seu *passeio* á Caledonia, e que n'uma reunião socialista realisada ha pouco em Paris, soltou es-

tas palavras, em meio dos applausos da escolhida assembleia:

«Voltamos, marchamos sós para a frente, porque sabemos a quem queremos ferir, e não será vingança, será justiça.

Não desejamos nenhuma vingança pessoal, e sentimo-nos orgulhosos de que houvessem matado os nossos, porque teremos sempre presente a sua recordação, quando queiramos ferir.

Parti entusiasta e regresso fria, serena. Eramos generosos; não o seremos mais, seremos implacáveis. Não retrocedemos ante nenhum dever; qualquer que seja o homem a quem devamos atacar, seja nosso amigo, seja nosso parente, combatel-o-emos, se estiver contra nós, contra a revolução, contra a reivindicação social.»

E d'estas reuniões, d'estes discursos não teme a Republica!

A que te arrastaram, ó bella França, em nome da liberdade!!

E o governo a fomentar cada vez mais a desmoralisação, a preparar o reinado da mais torpe das immoralidades, n'aquella França que nos primeiros dias d'este seculo inaugurara a sua litteratura com o *Genio do Christianismo* e os *Martyres* e que hoje cahiu no charco pestilente da litteratura alimentada pelo louco de Victor Hugo e Emilio Zola!

Mas a par de tudo isto, d'estes horrores que fazem tremer a França, uns certos rumores se escutam, imperceptíveis por enquanto, mas que presagiam espantosa borrasca, depois da qual, como soe acontecer, raiarão formosos, esplendidos dias para a nação christianissima.

Dizia-se em Pariz, isto com todo o segredo, que entre os principaes membros do partido legitimista circulava um manifesto do Conde de Chambord, manifesto, que esperava a realisação de certos acontecimentos para apparecer a publico.

Deixemos a França, presa dos seus maiores inimigos e vejamos o que n'uma correspondencia de Ceylão nos diz a *India Catholica*, nosso collega de Bombaim, acerca do modo como por lá são apreciados os padres missionarios.

*Ceylão, 29 de Setembro de 1880.*— Em quanto que os liberaes da Europa negam competencia e habilidade mesmo ao clero para instruir a mocidade, os liberaes d'estas regiões confessam alto e bom som que só os missionarios Romanos Catholicos são *habeis* para dar uma educação solida, e *proprios* para diffundir principios de progresso, de civilisação etc. Vai aqui poucoxinho de muito que dizem por um de seus órgãos, — *O Ceylon Examiner*:

«É na verdade mui grato o saber que

os Romanos Catholicos missionarios teem feito um progresso maior do que quaesquer outras seitas religiosas, na materia de instruir os nativos assim na industria como em outras artes. Temos observado com infinito prazer que a peculiar aptidão para diffundir entre os nativos conhecimentos d'esta natureza, possuida por aquelles missionarios, é muitissimo apreciada por seus christãos; e cremos que, com o correr dos annos e introdução de novos membros nativos na cathogoria de missionarios, as industrias que elles excogitarem serão promptamente desenvolvidas.

No collegio de S. Benedicto em Kottahena, instituição catholica de que os nativos especialmente teem recebido largos beneficios, nós achamos que a arte, por exemplo, de desenhar esta tão cultivada que seus estudantes podem ser apresentados como uma regra *por excellencia* a outros de qualquer escola d'esta especie n'esta ilha. E cremos que os leitores estarão lembrados da opinião geral expressada com referencia a duas magistraes producções de dois rapazes singhalis d'essa escola que são testemunho sufficiente do progresso.

Como sabemos de experiencia que os nativos por regra teem quasi nenhum gosto para o desenho, somos forçados a crer que uma cuidadosa attenção e perseverança exercidos pelos Irmãos das Escolas Christãs, professores d'esse collegio, teem produzido tão salutaes effectos.

Com referencia a musica os Romanos Catholicos missionarios teem sido ainda mais felizes, *creando* esse gosto a que sem excepção, criamos, não eram fadados os nativos. Fr. Palla procurou introduzir, e por seus grandes esforços tem hoje uma banda de musica de seus proprios christãos.

Em quanto que este rev. gentleman faria progresso por aqui, o rev. Assaw não ficou n'esta materia ocioso em Negombo. S. r.<sup>ma</sup> tambem creou uma banda etc.

E agora vimos de novo o Fr. Palla cuja ultima empreza (escola industrial) tem feito em nós forte impressão: empreza essa, que prova sohejamente o interesse que os missionarios R. C. tomam a bem dos nativos, é sem duvida mais benefica para aquelle povo do que qualquer outro melhoramento...»

Principiamos esta revista dando um desmentido a um jornaleco, e findamos dando-o a muitas pessoas que por ahi maldizem as irmãs da caridade.

São palavras d'un correspondente de Fimalição para o nosso estimavel collega o *Commercio do Minho*, de Braga, referindo-se ao estado do hospital d'aquella villa.

Escutemol-o:

«O exc.<sup>mo</sup> governador civil, visitando esta casa, não pôde deixar de dirigir os mais sinceros encomios á actual Meza, e de avivar a sua caridade com palavras as mais lisongeiras.

Elogiou a boa ordem e asseio que se notavam em suas enfermarias, e o zelo com que se tratavam os doentes, nossos irmãos desgraçados.

Nem podia deixar de ser assim quando a direcção interna do mesmo hospital está confiada ás *irmãs da caridade*, essas mulheres de verdadeira abnegação, que desprezando os encantos e os prazeres do mundo n'uma idade em que tudo nos sorri, para se condemnarem voluntariamente a viverem ignoradas e pobres debaixo dos tectos empesados da doença, esquecidas muitas d'ellas do luxo e commodidades que podiam disfructar em casa de suas familias abastadas e nobres.

E ainda ha espiritos obscuros e prevenidos que ousam guerrear-as e accusal-as não sei de que crimes, porque ainda nenhum foi capaz de apresentar o libello accusatorio.

Bem haja porém a actual Meza gerente do hospital de Villa Nova de Fimalição, que, vencendo algumas difficuldades, conseguiu esse grande melhoramento material, economico e moral — *o chamamento das irmãs hospitaleiras.*»

O desengano ha-de vir a todos excepto aos *janeiros*, porque esses estão de má fé, e nada os convencerá.

J. DE FREITAS.

*Subscrição a favor do paralytico que pretende ir a Lourdes em busca de saude.*

Transporte.....	500
D'uma devota de N. S. de Lourdes.....	15500
D. Maria Sophia Bertrand...	600
Somma....	25600

Continua aberta a subscrição.

## EXPEDIENTE

Suprimimos hoje a *folha solta* e usamos um novo meio de envolver o periodico para com mais limpeza chegar ás mãos dos nossos leitores. Ainda que isto nos demanda maior despeza, como o periodico é mais bem acondicionado, por contentes nos damos.

TEIXEIRA DE FREITAS.